

Apresentação do Livro

Caminhada e Matrimónio, um Guia para noivos e famílias

“Ao unir-se, os esposos tornam-se protagonistas, senhores da sua própria história e criadores dum projecto que deve ser levado para a frente conjuntamente.” Amoris Laetitia, 218. Papa Francisco

Bom dia a todos.

Muito obrigada pelo convite que me foi feito, de um modo especial, muito obrigada Senhor Dom Joaquim pela confiança demonstrada e por poder partilhar convosco o que penso e sinto sobre um tema que me é particularmente querido, isto é, a preparação para o casamento, enquanto Matrimónio, enquanto sacramento, enquanto Graça e verdadeira presença de Deus no meio de nós.

A apresentação de um livro cumpre geralmente algumas regras –vou referir apenas aquelas que se podem considerar básicas. Escolhi seis:

- 1) a leitura do mesmo,
- 2) o conhecimento do autor,
- 3) a análise da escrita,
- 4) o alcance da temática,
- 5) o interesse da mesma,
- 6) e, como naturalmente se espera, o elogio do conteúdo que nos é oferecido.

Gostava de começar por seguir esta sequência de pontos:

1. A leitura do livro.

Neste caso, a leitura do livro não é rápida, nem particularmente fácil. São quase 400 páginas que exigem uma leitura atenta, exigem a apreensão dos índices, a compreensão da forma como estão expostas as ideias e como se pretende que o livro seja consultado e trabalhado. Devo dizer-vos que comecei por ler o livro no ecrã do computador, mas é claramente mais fácil e interessante manusear o papel. E foi uma agradável surpresa ver o livro impresso. A qualidade de um trabalho gráfico faz sempre a diferença, mas no caso deste livro, faz toda a diferença. Julgo poder afirmar que numa primeira leitura, compreendemos claramente que estamos perante um instrumento de trabalho, muito completo, muito rico em termos de conteúdos e desafios.

Ainda neste ponto, quero sublinhar a questão do título -Caminhada em Matrimónio - e do subtítulo – um guia para noivos e famílias.

O título situa-nos de imediato na essência do livro: não estamos perante uma obra estática, mas somos sim desafiados a caminhar. E o subtítulo quase que adjectiva o substantivo que utilizei: não estamos a falar de um livro, mas sim de um guia aberto a noivos, sim, mas também às famílias.

2. O conhecimento do autor.

Aqui passo a citar palavras que procurei: “O livro foi elaborado com a coordenação da Direção Nacional da Federação Portuguesa dos Centros de Preparação para o Matrimónio (CPM-Portugal), mas contou com a ativa participação de todas as estruturas diocesanas.”

Cresci na Fé, numa pequena paróquia, nos arredores de Lisboa. Apesar de todas as diferenças na forma de vivermos em sociedade, continuo a acreditar na potencialidade da vida paroquial e diocesana. Talvez que o facto de ter participado no Sínodo Diocesano de Lisboa que aconteceu em 2016 e cujo fruto continua a marcar a vida da minha diocese, talvez também por esta razão, reconheça com sincera admiração todos os trabalhos que resultam da comunhão efetiva de quem partilha a mesma fé, de quem deseja mais servir do que ser servido, de quem encontra nos outros, o melhor de si mesmo...neste caso não existe um autor, com nome próprio, mas existe uma comunidade de gente com fé e com esperança, que deram o seu melhor para escrever este livro. Devo dizer-vos que gostei particularmente de conhecer “este autor”...

3. A análise da escrita.

A análise da escrita faz-se ao ler os textos, os índices, as legendas, as citações... eu diria que esta é uma escrita marcada essencialmente pela clareza e pela normalidade. Não é um romance, nem um texto jornalístico, nem um ensaio poético. Não é um trabalho universitário, a apresentação de uma tese, com referências científicas ou linguagem técnica. São textos que formam um único texto, para ser lido e compreendido por todos aqueles que se sentirem motivados pelo desafio de lutar pelos valores do matrimónio.

Parece-me muito feliz a decisão de dividir o livro em três partes, a primeira pensada para uma reflexão pessoal, a segunda, para os encontros propriamente ditos, e a terceira, para um ultimo momento, em que a todos é possível procurar e encontrar uma maior reflexão.

Os temas, que são seis (ver pág.7)repetem-se ao longo destas três partes, provocando a dinâmica concêntrica que permite uma progressiva descoberta do “eu”, do “nós” e dos “outros”.

Gostava também de salientar as propostas de oração, que acompanham a parte referente aos encontros.

4. O alcance da temática.

Este ponto está verdadeiramente fora do nosso controle. Ninguém nesta sala poderá saber onde vão chegar as palavras escolhidas com tanto precisão, os temas procurados com tanto cuidado, as inquietações que certamente foram muitas, o sonho tornado realidade, após tanto trabalho.

Acredito que o alcance da temática esteja na capacidade de todos os que o utilizarem, quer seja na perspectiva dos casais animadores, dos padres e assistentes, como na dos noivos, e dos pais de família, e dos filhos e dos namorados e de todos os que um dia, puderem folhear este livro, parar numa página, fixar uma imagem, responder uma pergunta, reler uma citação...

Acredito que o alcance da temática está verdadeiramente nas mãos de Nosso Senhor, que de tudo tira um bem maior, que das nossas fraquezas faz forças, da nossa pequenez, grandeza. E é a nossa Fé que nos diz que o Espírito Santo sopra onde quer e como quer. Só Ele sabe. Estou certa de que, quem trabalhou nesta vinha, o fez o melhor de que foi capaz. E julgo não ser exagerada, nem pretensiosa ao afirmar que estamos perante uma obra capaz de dar muito fruto.

Mas voltando à apresentação, chegamos ao quinto ponto que enumerei, como elementos fundamentais de uma apresentação, isto é o interesse do livro que se está a apresentar.

E aqui gostava de me demorar um pouco mais de tempo. Porque reside precisamente neste ponto, isto é, no interesse do livro, a minha imediata aceitação, ao convite que me foi feito para estar aqui convosco.

Para melhor enquadrar o meu pensamento e talvez para ser mais clara, sobre a dimensão do interesse de uma obra como esta, vou começar por vos contar três histórias. Peço a vossa atenção para cada uma delas, como se fosse a única, ou aquela que vos lembra uma outra, passada na vossa família, entre amigos ou meros conhecidos. Peço que as escutem tendo sempre presentes as mesmas duas palavras: preparação e acompanhamento.

Primeira história:

A história da Inês e do Pedro.

A Inês cresceu numa família católica, fez o percurso habitual das nossas crianças e adolescentes: a catequese de infância, os grupos de jovens, foi crismada na sua paróquia e chegou a ser responsável do coro e de campos de férias; o Pedro também cresceu numa família católica, tirou o seu curso superior, casou, mas a sua noiva não quis casar pela igreja. Este casamento terminou em divórcio e o Pedro manteve-se solteiro até conhecer a Inês. A experiência e aparente maturidade do Pedro, foram determinantes, na envolvimento de um namoro breve e intenso. A falta de experiência da Inês e a sua determinação, foram elementos decisivos na sua vontade de trazer rapidamente, felicidade à vida do Pedro. Quando decidiram casar, procuraram um padre conhecido,

com quem conversaram e acertaram os pormenores do casamento. Rapidamente começaram problemas graves na relação – alteração de comportamentos, ciúmes doentios, discussões violentas. Só a referência da família estruturada em que tinha crescido, permitiu à Inês encontrar forças para sair de casa. A Inês nunca foi capaz de confrontar o Padre que os tinha casado, nunca foi capaz de lhe dizer que não voltasse a facilitar a vida de noivos, que não voltasse a aceitar não haver tempo, ou oportunidade ou vontade ou necessidade de preparar um casamento. Talvez tudo tivesse acontecido da mesma maneira... ou talvez não. O casamento terminou com grande sofrimento.

Segunda história:

A história da Madalena e do Luís.

Jovens adultos dos dias de hoje, marcados pelo sucesso profissional, conhecedores das grandes capitais e de destinos exóticos, viveram em comum durante vários anos, até ao dia em que, perante a pressão familiar do Luís, decidiram fazer o casamento das suas vidas, com centenas de amigos. Reféns da verdadeira indústria dos casamentos, que vive de flores, restaurantes, músicos, pistas de dança, fogos de artifício, luas de mel milionárias, capelas maravilhosas, tiveram o seu casamento de sonho, onde a alegria foi genuína, gratificante, memorável. Até ao dia, em que tudo se desmoronou como um baralho de cartas, porque a verdade acaba sempre por se revelar e quando fica em causa a confiança, aquela que suporta qualquer relação, os estilhaços são o que sobra.

O Luis nunca mais quis entrar numa Igreja e muito menos falar com um Padre. O casamento terminou com grande sofrimento.

Terceira história:

A historia do Henrique e da Teresa.

Conheceram-se nos bancos da mesma igreja onde tinham sido batizados os seus pais. Casaram novos, vieram os filhos, foram conciliando trabalho e família, pertenceram a movimentos católicos, deram testemunho de uma vida aparentemente sólida e feliz. Em casa, a imagem de Nossa Senhora tinha a vela acesa no mês de Maio, e a convicção da fé que ambos professavam era materializada em ações concretas. Mas a pouco e pouco foram surgindo pequenos sinais de alarme. Passou a ser normal que o trabalho do Henrique lhe ocupasse também os fins de semana. Já não tinham conversa à mesa, nem se deitavam ao mesmo tempo. As discussões, ainda que ocasionais, terminavam quando pressentiam o ouvido atento dos filhos. Lembrava o mar calmo que esconde correntes perigosas. Apesar da missa ao domingo, do terço rezado em família, das responsabilidades desejadas e assumidas. Apesar de toda a aparência, o vazio tornou-se insuportável. Toda a família e amigos foram surpreendidos pela decisão tomada.

O casamento terminou com grande sofrimento.

São histórias com detalhes ficcionados, tais como os nomes, mas que correspondem certamente a muitos casos que conhecemos. E estes três exemplos, podiam ser aumentados para 30, 300 ou 3000, tantas são as histórias que todos reconhecemos como realidade do tempo em que vivemos. Tenho consciência de que, para estas 30, 300 ou 3000 histórias, existem 60, 600 ou 6000 que são o oposto do que vos contei. Mas as histórias felizes vivem bem sem história e o que pretendo com esta narrativa é apontar um caminho, que nos leve à evidência do interesse deste livro.

Um caminho que me diz que hoje, mais do que nunca, é fundamental, prioritário, decisivo, preparar a celebração do sacramento do Matrimónio. Hoje mais do que nunca, é preciso acompanhar os recém-casados, as famílias, sejam famílias recentes, ou não.

Nestas três histórias, ninguém conseguiu refazer a vida que cada um, de modos diferentes, desejava no início. E ninguém conseguiu voltar a casar pela Igreja. Uns porque deixaram de o querer, outros porque desistiram, outros porque não tiveram coragem de equacionar a possibilidade de iniciar um processo de nulidade do matrimónio.

Numa das badanas do livro, escrevi a propósito deste livro:

«Assentar alicerces sobre a rocha... um desafio que atravessa a história de todos os que procuram a Graça do Sacramento do Matrimónio. Numa dinâmica concêntrica, este livro convida-nos a mergulhar na reflexão e na partilha da verdade do Amor. Os Centros de Preparação para o Matrimónio de Portugal oferecem com este livro, um excelente instrumento de trabalho que permite “ir contra a corrente” do nosso tempo e procurar construir alicerces sólidos para uma vida inteira.»

Sejamos honestos, a Inês e o Pedro, não assentaram nenhuns alicerces, sobre nenhuma rocha... apaixonaram-se, desejaram começar de novo, sonharam, cada um à sua medida e valorizaram as suas capacidades de ultrapassar adversidades. Como alguém dizia a propósito de uma história semelhante, sobrevalorizaram a aparência do bom e desvalorizaram a aparência do menos bom.

O Luis e a Madalena tinham uma rocha, sim, mas assente na partilha de gostos, no sucesso profissional, na confiança em si próprios. Os alicerces estavam baseados nos anos de vida em comum já vividos. Não havia alicerces na vivência da Fé, não havia uma consciência partilhada do que significa a Graça de um sacramento. Procuraram fazer a festa mais bela e para tal, era muito importante, mesmo fundamental, a cerimónia religiosa.

O Henrique e a Teresa, tinham alicerces, anos de alicerces. E tinham uma rocha aparentemente forte e segura. Mas lembrava aquelas rochas da praia, escavadas por baixo, por anos de marés, que vão batendo e fragilizando, até ao dia em que a rocha cai, desamparada e é levada em pedaços, pelas ondas que nunca param de rebentar. Tinham tudo quando começaram. Mas deixaram que o tempo tomasse conta das suas vidas.

Sejamos honestos, nenhum dos sacerdotes que presidiu a qualquer um destes casamentos, o fez de uma forma leviana, indiferente ao futuro daqueles casais e daquelas famílias. Confiaram. Confiaram na formação apresentada, confiaram no enquadramento familiar, confiaram na verdade expressa, no testemunho dado.

Não estamos numa apresentação que procure culpas e culpados, e assim valorizar um produto, como se fosse possível ter encontrado a solução milagrosa de todos os problemas. Não é isto que vos quero dizer.

O que queria ser capaz de fazer, era reforçar a dimensão do interesse deste livro ao dizer-vos da necessidade de falarmos do tempo, da energia, da verdade, da vontade, da formação e do trabalho que dá, preparar a aventura do «amor para sempre».

A aventura da fidelidade.

A aventura dos filhos e dos netos.

A aventura da saúde e da doença, da abundância e da escassez.

Acima de tudo, estamos a falar da aventura da presença de Deus nas nossas vidas.

Estamos sim a falar do tempo, da energia, da vontade, da formação, do trabalho que dá, manter o «amor para sempre».

E acreditar e lutar pela fidelidade.

E ajudar a crescer filhos e netos.

E superar dramas, viver a angustia do desemprego, discernir caminhos, fazer opções que podem implicar mudanças de vida.

Estamos sim a procurar em Deus, as razões de todas as esperanças.

A aventura do «amor para sempre».

Uma aventura a que tantos de nós já fomos chamados, e que continuamos a ser chamados todos os dias, até ao final dos nossos dias.

Uma aventura que não é exclusiva para quem tem fé, porque o amor para sempre, a fidelidade, os filhos e os netos, a saúde e a doença, a abundância e a escassez, tocam a vida de todos os que encontram no casamento, a forma mais expressiva de concretizar uma relação de amor.

E mesmo a aventura da presença de Deus é como todos nós sabemos e afirmamos, uma realidade oferecida a todos sem exceção, desde os mais próximos aos mais distantes.

A diferença reside no facto desta Presença não ser a todos revelada, nem por todos vivida da mesma forma.

Daí a urgência da evangelização, uma urgência que o Papa Francisco não se cansa de anunciar, que os Bispos Portugueses não cessam de apresentar. Perdoem-me a nota diocesana, mas a leitura da Carta do Senhor Cardeal Patriarca, no início do novo ano pastoral, refere precisamente a dimensão missionária da vida da Igreja, citando palavras do Papa Francisco, que nos colocam perante o desafio de sermos comunidades santas e missionárias.

Pessoalmente estou convicta de que este, também é um dos grandes desafios deste guia que todos vão poder ler e reler.

Numa apresentação que me foi enviada, estava escrito que «O CPM, acreditando que o livro é um potencial contributo social de relevo na construção de uma sociedade mais organizada, feliz e saudável, procura parceiros institucionais (associações, empresas, sindicatos, partidos, etc), fora do circuito da Igreja, como forma de difundir o livro fora do restrito âmbito religioso. Procuramos assim ir ao encontro, em vez de esperar que nos encontrem.»

Nesta mesma apresentação está dito que este «livro foi elaborado com o objetivo de ser um ponto de partida para a reflexão sobre a construção de uma vida em família como projeto cristão de sociedade» e também que: «O livro foi pensado para poder ser apelativo para os que vivem uma fé sólida e para os que a procuram. Assim, partindo dos aspetos humanos, caminha em direção aos aspetos da relação do Homem com Deus».

Podia ficar por aqui, mas voltando um pouco atrás, atrevo-me a repetir que falar deste livro é falar do tempo, da energia, da vontade, da formação, do trabalho que dá, preparar a aventura do amor para sempre. Um sempre que ganha uma plenitude maior quando é tocado pelo reconhecimento da presença de Deus na vida os homens. E haverá terreno mais fértil para este reconhecimento do que a experiencia do Amor?

Um Amor que o Pedro e a Inês, o Henrique e a Teresa, o Luis e a Madalena, viveram certamente. Mas não chegou para alimentar o para sempre. Não chegou para evitar o maior sofrimento. Não chegou para suportar a falta da verdade.

Não chegou e dá muito trabalho. Exige determinação. A determinada determinação de que nos fala Santa Teresa de Ávila, e sobre a qual gosto tanto de refletir. Apetece quase mastigar esta expressão, saborear o que ela exige, apresentá-la como um dos melhores ingredientes desta refeição deliciosa que é o casamento.

Temos conversado muito em casal e entre amigos, sobre a importância desta vontade, expressa por uma mulher que viveu no século 16 e que fechada num convento, conseguiu abrir a riqueza da vida contemplativa ao mundo e ao tempo. Se Santa Teresa pedia às suas Irmãs uma determinada determinação, para que as suas vidas fossem felizes e refletissem a presença de Deus, também nos pede a nós, a mesma determinação e com o mesmo objetivo, ousar arriscar.

E volto de novo ao livro – também aqui foi necessária uma determinada determinação para levar até ao fim, esta aventura de apresentar uma obra que quer ser utilizada em vários tempos, em diversas realidades:

no namoro nos grupos de jovens,
nos grupos universitários ou até mesmo na catequese;

na preparação imediata para o casamento, com os CPM ou outros movimentos e grupos;

no acompanhamento dos casais e das famílias ao longo da vida;

na apresentação do que a Igreja tem para oferecer a recém-casados, como propostas de vida em casal.

Julgo que ficou claro o meu interesse pessoal e o interesse geral de uma obra como a que tendes convosco; que não é um dicionário que sequencie palavras e significados, que não é um texto que apresente soluções testadas, nem uma sebenta com apontamentos que ajudem a passar num exame, mas sim um guia para noivos e famílias, fazerem caminho, sem medo da Cruz, melhor, com a presença da Cruz assumida.

Julgo ainda que o ponto sexto – o elogio do conteúdo que nos é apresentado – trespassa todas as minhas palavras, está presente em tudo o que disse e sinto.

Quero ainda acrescentar um último ponto. O livro está pronto, impresso e já a ser distribuído. Não tardará muito que se levantem vozes a criticar. Porque este tema não interessa nada. Porque aquela fotografia está mal escolhida. Porque as citações não fazem sentido, porque as leituras escolhidas podiam ser outras. Ou porque detetaram este ou aquele erro real.

Queria pedir-vos que não sofressem com estas críticas. Algumas até poderão ser acertadas, outras não. Mas não sofram. O que tiver de ser corrigido, será corrigido numa próxima edição, ou noutra livro que se venha a fazer.

Hoje, é a hora deste livro, alegremo-nos com ele! E em boa hora chega, porque tudo o que fizemos em defesa do sacramento do matrimónio, estamos a fazer em defesa da nossa Fé, da nossa Igreja.

Tudo o que fizemos em defesa da Família, estamos a fazer em defesa das nossas vidas e da vida dos nossos filhos e netos, e das vidas de tantos outros com quem nos cruzamos ao longo da nossa vida.

Tudo o que fizermos em defesa do Amor, estamos a fazer em defesa do nosso Deus, que se revelou no maior testemunho de Amor que se pode dar – deu-nos o Seu próprio Filho que morreu por nós.

E vou terminar a minha apresentação com a leitura da Oração da pág. 191. (...)

Muito Obrigada.

Isabel Figueiredo

Fátima, 8 de Setembro de 2018